



## LIBERDADE E FÉ

Guy Van de Beuque  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
In memoriam

daí precipitando-se ocultas por muita névoa  
vão em renques noturnos lançando belíssima voz.  
Hesíodo<sup>1</sup>

Fé e liberdade. Já desde o início a junção destas duas palavras nos causa um alegre espanto. Uma verdade, um paradoxo chamando o pensamento. Como se tivéssemos encontrado algo e não soubéssemos exatamente o quê. “Liberdade e fé” nos instiga a pensar.

### 1. A experiência originária de fé

#### § Fé como sacrifício da liberdade

A impressão que temos é que liberdade e fé se contradizem. A fé cega. Amarra o olhar e nos impede de escutar em outras direções além da que ela nos impõe. A fé condiciona nossa “visão de mundo”. Fé é um acreditar hipnotizado, uma crença. E, por isso, contradiz a liberdade. Desde o Iluminismo, desde a “luz da Razão”, as crenças opõem-se ao livre olhar do pensamento. Livre é o pensamento que se permite duvidar de tudo para desse terreno insólito erigir os fundamentos seguros de suas decisões certas e, assim, sempre alcançar comprovadamente os mesmos resultados a partir das mesmas condições. Ao contrário da certeza comprovada do livre-pensar fundado na experiência eficaz da razão, a certeza oriunda na fé não permite demonstração. A

---

<sup>1</sup> HESÍODO. *Teogonia (Proêmio: Hino às Musas, 9)*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

experiência da fé é incontrolável ao saber. A certeza da fé não se justifica. É uma certeza que não tem “razão de ser”.

Na modernidade, só nos é obrigada uma fé: a liberdade. Exercer-se como sujeito significa possuir “sua” liberdade. E “possuir a liberdade” é o que entendemos habitualmente como “livre-arbítrio” – “livre-arbítrio” é possuir o “poder de decisão”, e é este poder que subentendemos quando falamos de liberdade. Possuir a liberdade, ou livre-arbítrio, significa ter o direito de exercer sua vontade, tornando-se, assim, sujeito de seu mundo e do mundo em geral.

Porque é livre, o homem pode fazer suas escolhas. Entre elas, escolher “sua” fé, mas, uma vez trilhado o caminho, há que se largar a liberdade da razão para trás. O caminho da fé significa o ingresso no reino da submissão. Ao escolher “uma” fé, abandona-se a liberdade da escolha “livre”, aquela que faz uso da razão.

Liberdade é a soberania da vontade da razão.

### § Com que a ciência conta?

A ciência conta com aquilo em que ela *realmente* pode confiar, assegurando sua confiança. Contar com “algo” quer dizer, para ela, poder ter certeza de que a coisa sempre poderá estar presente, como “verdade”, à sua disposição. Contar com algo significa poder contá-lo, medi-lo, aferi-lo, controlando sua verdade. Assim é que a ciência conta com o sol, com o mar, com os ventos, com as “leis da natureza”. A ciência é o saber que se constrói a partir da *vontade de poder* contar com a certeza de uso do real.

O que a ciência não se pergunta, e que, portanto, escapa à sua verdade, é a origem do próprio “contar com” em que ela se fia para tecer a confiança em suas verdades. A ciência nos responde, no entanto, que seu “contar com” provém da “comprovação experimental” e que é graças à possibilidade de repetição e aferição que ela pode contar com a verdade de suas afirmações.

Verdade, para ela, significa a *certeza* de que algo irá se verificar, acontecer sempre, desde que obedecidas as mesmas condições. Verdade é o que se verifica, aquilo que *de veras fica*, e permanece ficando em toda (veri)ificação. Certeza é a verdade que pode sempre se repetir permanecendo igual. *A certeza se funda no contar, o contar se justifica na certeza. Esta é a tautologia, o mito fundador da ciência.*

Contando sempre seu contar, o contador, o *Homo scientificus*, fortalece diariamente, como Tio Patinhas, a verdade de seu desejo de confirmar aquilo com que conta seu poder. E de tanto contar faz desse mito a verdade inquestionável de si-mesmo, ocultando, justamente, para si (e para os demais) a possibilidade originária desse “contar com” de que se vale como valor de verdade. A verdade ama esconder-se: é, justamente, o *contar com* que fundamenta, a cada instante, sua permanência como ciência, que ela não quer e não pode provar. Resta-lhe apenas provar dele, usufruir desse *contar com* ... e fazer da verdade a verdade que *deveras* deseja.

### § A possibilidade de uma absoluta impossibilidade de poder contar com o mundo

Contando com isso ou com aquilo em nosso dia-a-dia, distraímos-nos sempre dessa possibilidade maravilhosa de poder “contar com” as coisas. Contar com o mundo significa já tê-lo ao alcance do pensamento, já estar no acesso e na relação com as coisas.

Este acesso, a relação do homem com o real, é radicalmente diferente do do animal. Entre o animal e o mundo não há *propriamente* nada porque um já se confunde ao outro. É a *confusão* do animal ao meio que o envolve, o fato de que não há nada “entre” eles que parece impedi-lo de acessar *propriamente* as coisas. Ao contrário, *entre o homem e o mundo há sempre um “entre”*. O “entre” é, justamente, a relação que se estabelece de homem-aparecimento-real.

De que é feita essa relação, em que consiste esse “entre”? Nada de *específico*, de concreto se interpõe *entre* o homem e o mundo, pelo menos nada que não possa ser removido pelo saber. E, no entanto, sempre parece haver alguma coisa, uma dificuldade, um mistério ... algo ainda a investigar, a conhecer sobre as coisas. Sempre já estamos contando e não-countando com o mundo, com o real. É esse “entre”, que se interpõe entre nós e as coisas, que promove a curiosidade da investigação e da ciência; e que possibilita também que a própria relação de conhecimento se dê.

Para Aristóteles, *aquele que se coloca um problema ou se admira, reconhece sua ignorância*.<sup>2</sup> É espantosa a possibilidade de saber que não se sabe! O homem é o único, entre deuses e animais, que tem acesso à ignorância. Os primeiros tudo sabem; os outros

---

<sup>2</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*, Livro I, 2 – 17.

desconhecem que nada sabem. Só a nós foi dado o destino de travar conhecimento com o não- conhecimento. Esta é a essência e o paradoxo que funda todos os mistérios. O mundo não nos é jamais óbvio, nem inacessível. *Entre o mortal e o mundo há sempre, apenas e enormemente, o “entre”, e este entre é, propriamente, nada e, ao mesmo tempo tudo: a possibilidade de acesso a todas as coisas do mundo ... e ao nada da ignorância.*

Se o “contar com” nos constitui, a possibilidade de com nada (e com o nada) poder contar também nos dispõe, de igual modo desde a origem. Ao contrário dos deuses e dos animais, sabemos, desde nossas vísceras que, a qualquer instante, e portanto desde já, agora, neste instante, podemos não poder contar com mais nada. Esta é nossa grande e primeira certeza. Com a morte sempre poderemos contar. E é assim, a partir da absoluta certeza do *incerto* que destruirá todas as certezas, que se funda a necessidade de conhecimento para o homem. É a certeza de nossa impermanência que nos dá a força e a vida, o mistério e o milagre, de *poder* contar com. É a partir dessa “consciência” do efêmero, e não do que permanece inalterado, que o “contar com” ganha seu valor e se fortalece como necessidade.

A certeza, a verdade da permanência nos exige sempre um acreditar, um dar crédito, ou, mais simplesmente, uma comprovação. A única certeza que nos é, em nossa mortalidade constitutiva, *absolutamente* certa (e por esta razão sequer colocada como “certeza”), é o incerto, a impermanência *fundamental* do real. Esta é, desde o início, nossa *primeira* certeza: nosso fundo, nosso motor, nossa causa, nosso *arké* ... nosso *logos*. É a certeza *a priori* do impermanente e do incerto – a des-certeza – que nos mantém na vontade do permanente e do certo, constituindo assim a própria origem da “fixação” científica, do *desejo fixo* da ciência de “amarrar” o acontecimento do mundo. Esse radical *a priori* da “razão” é anterior às “formas *a priori* de representação”. É pelo temor e aversão à “real” impermanência, conjugados à possibilidade que se nos abre de “sustentar” o aparecimento das coisas, que a ciência instaura a necessidade de sua possibilidade *no* desejo e *na* vontade dos mortais, dos permanentemente impermanentes.

É a partir da realidade de não-contar, da evidência desse escuro, desse vazio, desse “entre” que nos separa (e junta), que, de súbito, vem o espanto diante da simples possibilidade de contar com. Esse “contar com”, que não dispõe de razão nem de porquê, é anterior ao contar com isso ou aquilo, do mesmo modo que a possibilidade de

com (o) nada poder contar já se coloca também como origem da dúvida e da incerteza de não poder mais contar com isso ou com aquilo.

No início e no *princípio* de todo saber, de toda reflexão, estão o *contar com* e sua possível impossibilidade absoluta de ser. Cada qual participa do outro, no mesmo.

### § A fé como salvação do aparecimento

Não há como testar a veracidade desse “contar com” arcaico. Até porque ele já é a experiência primeira da verdade. Ele é a verdade se fazendo verdade, a prova da prova. É como andar pela primeira vez de bicicleta. *A experiência que “prova” o real extrapola a mera comprovação de um conhecimento anterior e, por isso, realiza a prova mais arriscada e audaz da existência: aquela que a coloca frente a frente com o abismo da incerteza, com a possibilidade mesma de sua impossibilidade de existir. Que a coloca nesse entre, nessa sutil passagem do nada ao ser.*

Tenho um sonho, ou então, de olhos abertos, me abandono a imaginar qualquer coisa, duas belas moças e um par de refletores, me dedico a materializar aquele fantasma, e todos podem vê-lo como eu o via enquanto cochilava ou não pensava em nada. Quem guia você nessa aventura criadora? Como é que ela pode acontecer? Algo do qual você pouco conhece de repente se faz vivo, uma parte de você, taciturna e sábia, que se põe a trabalhar em seu lugar após ter favorecido essa misteriosa operação. Você a ajudou, confiando nela, não a tolhendo, deixando que ela agisse sozinha. Esse sentimento de fé creio que se possa chamar de sentimento religioso.

Federico Fellini<sup>3</sup>

A experiência primeira da verdade consiste em sacrificar sua vontade à vontade do que, não tendo vontade, porque gratuito, necessita de abrigo. É do incerto que se dá a verdade. Aqui só cabe a *pura* confiança e entrega ao que aparece. É tudo ou nada: pegar ou largar. A “verdade” dessa experiência de verdade não advém da pretensão de se querer controlá-la, mas, ao contrário, da fraqueza e da finitude em que (re)conhece a vida da verdade. *Nada há além a demonstrar, ela é a sustentação que salva o aparecimento em sua primeira origem.*

---

<sup>3</sup> FELLINI F. *Entrevista sobre o cinema, realizada por Giovanni Grazzini*. p. 61. Trad: José Alberto de Lima Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

É confiando, aceitando o que aparece no modo como aparece, rendendo-se a seu encanto sem ousar inquirir o porquê, que alimentamos seu parto. O *contar com*, que *sustenta* a primeira verdade das coisas, mantém acesa a chama da criação.

Fé é o sacrifício da confirmação, sacrifício do que consideramos certa. Tal como a fênix, a certeza, a permanência verificável da verdade, tem que se sacrificar, para deste sacrifício, desta morte, surgir de novo, como evidência, em toda permanência do imponderado, do incerto, da vida ... do que não há a questionar.

Não há caminho preestabelecido para esse encontro. Nesse sentido, a fé originária se distingue da crença. Toda crença, numa época incrédula, já pressupõe a determinação de uma vontade de querer assegurar a verdade de um valor preconcebido. A impossibilidade de uma entrega ao imponderável – a ausência de fé – se traveste no exercício voluntarioso de fixar um valor àquilo que antecede o próprio sentido deste valor. Para sua sobrevivência como verdade, a crença necessita atribuir-se o direito de propriedade sobre a vida de um aparecimento. Ora, não é graças ao direito de propriedade sobre a verdade de um valor que a fé subsiste – esta é justamente a negação de sua graça. A fé é, ao contrário, a entrega gratuita ao próprio direito da vida de exercer-se.

## 2. As duas faces da liberdade

Quero dos deuses só que não me lembrem.  
Serei livre - sem dita nem desdita.  
Como o vento que é a vida  
Do ar que não é nada.  
O ódio e o amor iguais nos buscam: ambos,  
Cada um com seu modo, nos oprimem.  
A quem os deuses concedem  
Nada, tem liberdade.  
Fernando Pessoa

Neste instante, já conseguimos livrar a fé das amarras do senso comum; resta-nos agora tentar fazer o mesmo com a liberdade, para podermos conseguir pensar fé e liberdade conjuntamente. Para o senso comum, liberdade significa “livre-arbítrio”, isto é: poder arbitrar o que se quer e vai fazer. Para o livre-arbítrio, liberdade é a possibilidade de soberania da vontade – que o sujeito possa seguir suas próprias leis, ditadas pela razão de seu discernimento. Mas será que a liberdade se resume a isso? É

indiscutível que o que experimentamos como “livre-arbítrio” é um modo de liberdade. A isso não cabe se opor – mas, repetimos a questão, será que a liberdade se resume a um poder de decisão, a um direito de uso *racional* da vontade? Caso ela se esgote nisso, caso liberdade, em seu sentido mais originário, seja o mesmo que livre-arbítrio, não sobrará nada da liberdade se dela retirarmos o livre-arbítrio.

Mas será que resta algo à liberdade se dela excluirmos o livre-arbítrio? Livrando-nos do livre-arbítrio não estaremos, justamente, entregando-nos a uma escravidão? E isto não é o oposto da liberdade, exatamente sua ausência total? Impossibilitados de decidir por isso ou por aquilo o que nos pode restar? Aparentemente, nada. E, no entanto, algo parece nos restar, diferenciando-nos de um animal enjaulado. Impossibilitados de agir, resta-nos, contudo, algo. *Somos agora a pura inquietação que nada pode realizar, mas que continua, justamente por isso, a abrir tudo à sua frente.* Um abismo de possibilidades, o abismo da possibilidade abre-se diante de nós. Uma estranha vertigem nos assola. Tudo é possível, porque nada se realiza. “Nada” é possível porque não há possibilidade de decisão. Nada temos e, no entanto, já temos algo que nos aflige e nos angustia. *A liberdade, agora, já não livra para a realização de algo (pre)determinado e, no entanto, permanece livrando, liberando à existência sua própria possibilidade.* Neste instante em que a liberdade se experimenta a ela-mesma, não há arbitrar ou desarbitrar, somos como o vento, a própria vida de um nada. Propriamente nada e, no entanto, como possibilidade de possibilidade, tudo. E isso é assustador. E, por isso, cabe nos render a ele.

### **§ Liberdade, entrega e encontro – a liberdade não se possui**

Livrando-se do livre-arbítrio, a liberdade pôde experimentar-se em nós como puro abrir-se para. Um “para” que, não tendo onde esgotar-se, continua sempre “para”. Um “para” que não pára de apontar, abrindo através de nós, como uma estaca em nosso peito, o próprio “para” de que somos constituídos e que estabelece a origem mesma de nossa possibilidade de decidir “por” isso ou aquilo. Este “para” que já sempre nos chega, abrindo com ele o mundo que nos pertence, pertencendo a ele. Isso de que jamais conseguimos nos livrar, que nos advém como uma necessidade, e que se chama liberdade.

Livrando-se do livre-arbítrio, a liberdade mostrou-se pura “liberdade para”. Estas são as duas faces pelas quais a liberdade se mostra: “liberdade de ...” e “liberdade para ...”. Mas será que este “livrar-se para” se resume a um “livre-para-fazer-o-que-se-quiser”? Certamente que não. Até porque no que acabamos de experimentar não havia nada para fazer. A “liberdade para” se mostrou como algo anterior à vontade de nosso fazer.

Costumamos, na decadência de nossa modernidade, compreender a liberdade como um poder entregar-nos a nós mesmos. Dizemos, comumente, que temos que nos livrar disso ou daquilo, como se, apenas com este “livrar-nos”, fôssemos ficar mais inteiros, mais livres. Esta é a ilusão a que nos remete o modo como arbitramos a liberdade, delimitando-a em nosso querer mais íntimo. *Entendemos a liberdade como um estar livres para nós-mesmos*. Livres para poder fazer tudo o que mais forte pudermos desejar no íntimo de nosso desejo. Queremos nosso tempo livre, queremos o tempo-livre. E, no entanto, livre para quê? Dizemos: livre para poder ser nós mesmos. Parece que voltamos ao ponto inicial, girando num círculo vazio.

Liberdade: assim chamamos a nós-mesmos. E o que nos resta é sempre nada. Nada parece ser isso que trazemos a nós, chamando de si-mesmo. Possuir a liberdade – esta é a ambição mais desmesurada do homem! A liberdade já nos possui – é a partir dela que somos. Ela é nossa entrega, nosso livrar-se para e ao mundo. Ponte, travessia, mundo – liberdade. Livrar-se de, para ... Livrar-se de, para ... *É aí que nos encontramos ao encontro de nós mesmos na vida*.

Livrar-se significa livrar a si-mesmo de si-mesmo. Este é o único modo de se entregar a si-mesmo. A liberdade nos diz que todo livrar-se já é entregar-se a ... Todo abandono já é preenchimento, todo encontro é livramento. É assim que ela se dá. Tal como o fole que alimenta o fogo da lareira, tal como o fole do qual o músico libera o som. Quanto mais dele retiramos, mais surgirá. A liberdade é magnânima, transbordante. Daí o absurdo de querer retê-la, conservando-a como uma virgem de cristal. A liberdade que se retém é o puro tédio: puro ensimesmamento no apego ao que não se realiza!

Liberdade é desfazer e fazer, nascer e morrer, livrar-se de livrando-se para. *Nascimento para o que já se abre no vazio do que se deixou para trás*. Liberdade é a experiência do homem: experiência da criação do mundo e da criação de nós mesmos.

*Encontro no que sempre retorna: instante de ultra-passagem – de plenitude e de esvaziamento. De manter-se em suspenso ao encontro. Justamente aquilo a que chamávamos fé.*

### **3. Que significa juntar no pensamento liberdade e fé?**

É a partir da liberdade que a fé pode exercer-se no fogo de sua luminosidade (fé tem a ver com *pháos*, luz). Sem o insuflar da liberdade, a fé se desfaz no vazio da crença. Ao mesmo tempo, é a fé que mantém e sustenta a liberdade, como a abertura do puro aparecimento. A essencialização conjunta da fé e da liberdade é o que comumente chamamos de criação!

*Fé é a entrega à liberdade do que aparece, sustentando o livrar-se com que e a que ele se livra. Como sustentação do livre no livre, a fé é o que mantém a ultrapassagem no suspenso, sustentando a constante passagem do oculto ao claro, do nada ao aparecer.*

Liberdade é o abrir-se da passagem. Fé é o que *sustenta* o real suspenso no aberto, o que possibilita a passagem como tal manter-se na passagem. Fé é o que sustenta a liberdade desde a primeira vertigem, desde o primeiro estremecimento que a manifesta como abismo do homem. Como sustento, sustentação da liberdade na liberdade, podemos dizer que a fé é o alimento da liberdade. Sua sobrevivência, a garantia da permanência de sua impermanência. Mas se a fé é o alimento da liberdade, o mesmo inversamente podemos dizer. A liberdade, como abertura da possibilidade, é o alimento, o ambiente, o início e o fim, o círculo a partir de onde a fé sustenta a finitude da vida.

Nessa emergência do mundo, emerge o mortal como possibilidade dessa realização. Liberdade é o livrar-se do homem ao mortal – instante de ultrapassagem a que o homem está sempre se livrando no porvir de si-mesmo. *Homem, o mortal é a cobra que não apenas troca de pele, mas, a cada instante, livra-se toda de si-mesma, deixando-se para adiante, ao encontro de si, novamente, no mesmo vazio criador de si-mesma.*

O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem – uma corda sobre o abismo.

É o perigo de transpô-lo, o perigo de estar a caminho, o perigo de olhar para trás, o perigo de tremer e parar.

O que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta: o que se pode amar, no homem, é ser uma transição e um ocaso.

Amo os que não sabem viver senão no ocaso, porque estão a caminho do outro lado.

Nietzsche<sup>4</sup>

Amo os que sabem viver a mortalidade, porque sabem viver a morte do morto e, assim, estar sempre a caminho. Caminho, ponte, transição – corda sobre o abismo: superação, transcendência. Superação do ocaso ao ocaso, do mortal ao mortal – *amo aqueles que não sabem viver senão no ocaso*. Amo aqueles que conseguem suportar o perigo de ser homens na plena mortalidade de si-mesmos. *Amo aquele que pune seu Deus porque o ama*. Homem é a travessia desde e para o sentido de ser apenas uma corda no abismo vivendo-se a si-mesma suspensa no nada. A meta da travessia é a travessia da meta. *O que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta: o que se pode amar, no homem, é ser uma transição e um ocaso*.

O que há de grande no mortal é sua mortalidade: a possibilidade de extrair de seu permanente ocaso, do fracasso de sua permanência, a liberdade a que foi destinado. Fé é entregar-se e manter-se – acreditar – neste fio, a liberdade, sem deixar-se fraquejar pela vertigem do que se abre e se liberta de nossos pés. De fazer do destino nosso destinar. Como dizia Kierkegaard, *quando se engana o possível que nos deve constituir, jamais se chega à fé. Fé é a certeza íntima que antecipa a sua finitude*, completa ele com Hegel.

#### 4. O canto do pensamento

Para a fé, a verdade não é algo que se possa fixar e congelar. A verdade da fé é o aparecimento. Fé é o sustentar do aparecer. O aparecimento só se mantém se for sustentado em seu espanto originário, ali reside a vida de sua vida. É ali, no reino da liberdade, que o aparecimento pode *verdadeiramente* reinar. No reino da liberdade, a evidência do aparecimento ainda guarda o espanto de sua primeira possibilidade: o risco de seu desaparecimento. No reino da liberdade, está a clareza do limite do “poder contar-com”, a clareza de que a escuridão está logo aqui, toda presente. Sustentar a liberdade do aparecer significa sustentar esse tênue fio de aço de um contar-não-continuar

---

<sup>4</sup> NIETZSCHE F. *Assim falou Zaratustra (Primeira parte, prólogo de Zaratustra, #4)*. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

com aquilo com que se conta e entregar-se ao reinar arcaico do incontrolável e do desconhecido. Trata-se de sustentar a *experiência de uma experiência de verdade*, sustentar a *vida de uma vida*. Sustentar a vida como experiência, e a experiência como vida. Sustentar a chama, deixando chegar aquilo que chama a ser recebido, sustentar o vigor de seu nascimento. E o vigor do nascimento só se sustenta livrando-o de seu congelamento, libertando-o para o aparecimento: vigorando-o. “Sustentar o nascimento” quer dizer “manter-se ao encontro de ...”, manter-se no caminho instigado por ..., manter-se livre na liberdade de um preenchimento. “Sustentar o nascimento” significa dar ouvidos e voz ao que se abre, abrindo-se nele. Insuflada pela liberdade, a fé sustenta o aparecimento no vazio do imponderável e mantém acesa a chama da criação.

Se a liberdade é a possibilidade do espanto diante do aparecimento, a fé é a *insistência* nesse deixar-se tomar pelo que chega – não se sabe de onde, nem por quê. Trata-se de uma inspiração prolongada que sustenta o sopro da liberdade. Os dois juntos são como a respiração. Um livrar-se, preenchendo-se. A fé alimenta de liberdade o aparecimento, nutre de acolhimento, de sustento, o que se oferece ininterrupto como o que há a ser. Prover de alimento significa, aqui, entregar-se, livrando-se ao livre, preenchendo-se do livre, preenchendo-se do que não pára de chegar – tomando-se pelo entusiasmo de ser tomado pelo que não tem nome. E é deste *en-thou-siasmo*, deste ímpeto e deste espanto, desta presença chocante e inexplicável do sagrado que nos invade por inteiro que provém a pura alegria. A pura alegria daquilo que, não conseguindo se explicar, se esgotar, não pára de nos tomar, preenchendo-nos. Instigando-nos a recebê-lo, a sustentá-lo. Canto do pensamento. Criação.

Guy Van de Beuque

Pós-escrito: Dedico estas páginas àquela que as inspirou através do revelador enigma de sua voz apaixonada. À força de presença daquele canto que se impunha ininterrupto, gratuitamente, sem pedir licença a qualquer reconhecimento ou formalidade, ... atraindo o pensamento para dentro do mistério de sua realização. A Benedita dos Santos, de Marechal Deodoro, Alagoas, a simpatia de meus agradecimentos.

guyvb@openlink.com.br  
Rio de Janeiro, 2002